

Pesquisa Multidisciplinar EM SAÚDE

EDIÇÃO XVIII

Capítulo 14

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA NA SAÚDE MENTAL

CAROLINA DA SILVA MARCOLINO¹
ROSANGELA FERNANDES PINHEIRO NANTES²
IARA BARBOSA RAMOS³
JOSEANE DA SILVA SOUZA⁴
SOLANGE LÁZARA DA SILVA⁴

¹Enfermeira – Egressa do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Secretária Municipal de Saúde de Campo Grande MS

²Docente – Centro Universidade Anhanguera de Campo Grande.

³Docente – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS/CPCX.

⁴Enfermeira – Secretaria Municipal de Saúde de Campo Grande MS.

Palavras-chave: Relações Interpessoais; Comunicação; Transtornos Mentais

DOI

10.59290/0725229805

EP EDITORA
PASTEUR

INTRODUÇÃO

A comunicação terapêutica ganhou destaque no século XX, inicialmente, Sigmund Freud, com a psicanálise e o relato de transferência e contratransferência, e com Carl Rogers, na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Na enfermagem, Hildegard Peplau, pioneira na enfermagem psiquiátrica, foi essencial ao enfatizar a importância da relação enfermeiro-paciente e as técnicas terapêuticas para promover a saúde mental (OLIVEIRA & B-NETTI, 2015; MIRANDA & FREIRE, 2012; PONTES *et al.*, 2008; FUKUDA *et al.*, 2017).

A Teoria das Relações Interpessoais de 1952, propõe que a interação com o paciente deve envolver estratégias terapêuticas que buscam capacitar o paciente a alcançar o máximo de independência possível, conforme seu potencial e capacidade por meio do aprendizado experiencial (FUKUDA *et al.*, 2017).

A comunicação terapêutica é um elemento essencial na prática da enfermagem, especialmente na saúde mental, por possibilitar orientação, apoio e cuidado integral. Trata-se do uso intencional de técnicas verbais e não verbais para construir uma relação que promova o bem-estar e facilite o tratamento (PONTES *et al.*, 2008; COELHO & SEQUEIRA, 2014).

A comunicação verbal envolve a troca de informações por meio de palavras faladas ou escritas. Já a comunicação não verbal inclui expressões faciais, gestos, postura corporal, contato visual, vestuário, adornos, aparência e manifestações fisiológicas que frequentemente transmitem mensagens sobre emoções e intenções (STEFANELLI *et al.*, 2008; COELHO & SIQUEIRA, 2014).

Diversos desafios dificultam a comunicação terapêutica, como a carência de habilidades comunicacionais, a sobrecarga de trabalho, a falta de treinamento, as barreiras culturais e linguísticas, além da comunicação não terapêu-

tica que comprometem a relação enfermeiro-paciente e o processo terapêutico (ARAÚJO & SILVA, 2012; SILVA & SOUZA, 2018; GASPAR *et al.*, 2020; STEFANELLI *et al.*, 2008). Assim, torna-se relevante compreender e otimizar as estratégias comunicativas, considerando o impacto da interação, é crucial identificar as estratégias mais eficazes e os principais obstáculos enfrentados conforme descrito por Coriolano-Marinus *et al.* (2014).

Diante disso, este capítulo busca responder: quais estratégias de comunicação terapêutica são descritas na literatura científica voltadas ao atendimento de pacientes em sofrimento psíquico? O objetivo é identificar as estratégias mais utilizadas na assistência de enfermagem a pessoas com transtornos mentais, explorar os desafios para sua implementação e investigar os benefícios da comunicação terapêutica no cuidado à pessoa.

MÉTODO

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem descritiva e qualitativa, que teve como objetivo analisar as evidências científicas disponíveis sobre estratégias de comunicação terapêutica utilizadas no cuidado a pacientes em saúde mental. Esta pesquisa foi apresentada como conclusão do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde (SESAU) de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no ano de 2025.

A pesquisa foi conduzida por meio de buscas em bases de dados online, como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO, além de literatura complementar disponível em livros físicos e na plataforma Cofenplay®. Não houve participantes diretos, sendo os dados obtidos exclusivamente de fontes secundárias, como artigos científicos e outras publicações relevantes

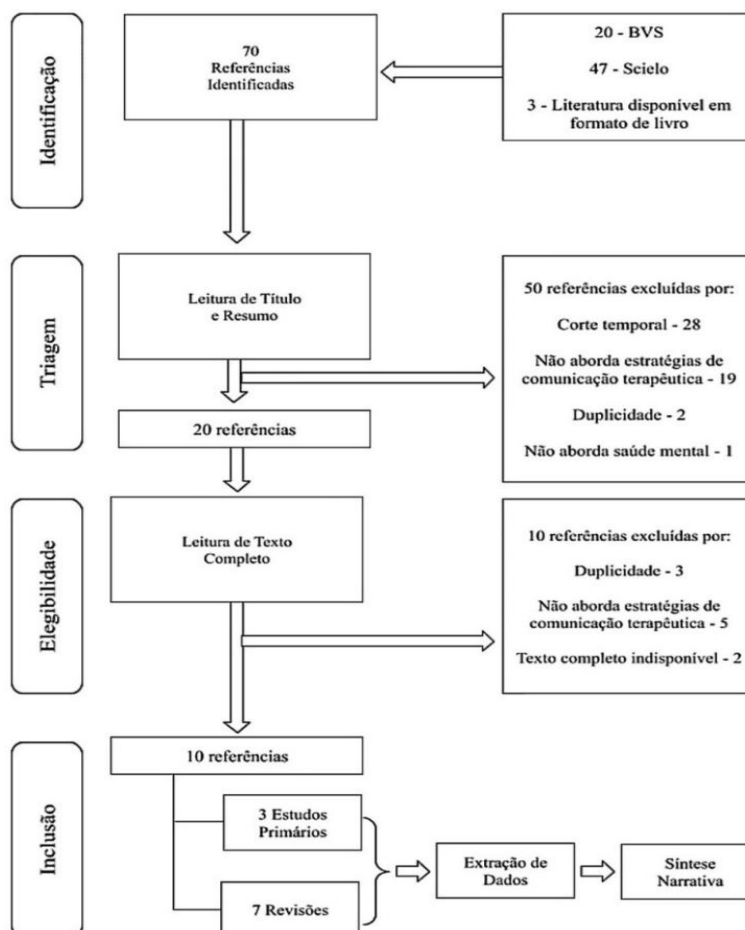
envolvendo pacientes e profissionais da área da saúde mental.

Foram incluídos estudos publicados entre 2012 e 2024 que abordassem a comunicação terapêutica no contexto de pacientes com transtornos mentais e/ou uso de substâncias psicoativas. Foram excluídos os trabalhos que não tratavam dessa temática, estavam fora do contexto da saúde mental, eram duplicados ou de acesso restrito. A coleta de dados utilizou os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), combinando os termos “comunicação terapêutica”, “comunicação”, “mental” e “enferma-

gem”, totalizando 70 referências identificadas. Destas, 10 estudos foram selecionados para análise completa (**Fluxograma 14.1**).

A análise dos dados seguiu as etapas propostas por Bardin (2009): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, o que permitiu a categorização dos achados conforme os objetivos do estudo. Como não houve envolvimento direto de participantes nem coleta de dados sensíveis, não foi necessária a submissão ao comitê de ética, sendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dispensado.

Fluxograma 14.1 Fluxograma de seleção de evidências



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos 10 estudos incluídos permitiu identificar os benefícios e os problemas na execução, bem como uma variedade de estratégias utilizadas. Observou-se que, dentre os es-

tudos, as estratégias estavam apresentadas de forma explícita ou implícita, o que exigiu do leitor habilidades prévias para reconhecê-las e interpretá-las no contexto das interações descritas. Entre essas, foram agrupadas cinco categorias principais devido a frequência de sua apari-

ção: encorajamento de expressão, escuta ativa, estimulação da descrição das percepções, encorajamento de comparações; e tentativa de traduzir sentimentos em palavras.

Benefícios

Os efeitos positivos da comunicação terapêutica são amplamente respaldados por diversos estudos que destacam sua relevância no cuidado em saúde mental e em outros contextos clínicos. Essa prática favorece a melhoria da saúde ao incentivar a motivação para a autogestão de comorbidades, fortalece a autonomia e responsabilidade dos pacientes e contribui para a redução de sintomas de ansiedade e depressão, especialmente quando combinada com intervenções psicoterapêuticas, promovendo maior independência (SILVA *et al.*, 2023).

Outro impacto relevante é a capacidade de mobilizar os usuários e seus familiares para enfrentarem desafios, proporcionando orientações adequadas e promovendo tranquilidade. Essa prática também favorece a manutenção do funcionamento psicossocial e é reconhecida como uma tecnologia leve no campo da saúde (KUSE *et al.*, 2022).

No âmbito da enfermagem em saúde mental, a comunicação terapêutica mostra-se indispensável, não apenas na psiquiatria, mas também em outras situações, como o manejo de doenças crônicas, ao contribuir para o enfrentamento do sofrimento emocional e a reabilitação psicossocial, promovendo melhorias na qualidade de vida e no bem-estar dos pacientes, ao mesmo tempo que reduz ansiedade e a inquietação (ROSCOHE *et al.*, 2019).

Também é essencial na construção do vínculo terapêutico, criando um ambiente seguro que favorece a expressão autêntica e melhora os resultados clínicos (DALL'AGNOL *et al.*, 2019). Segundo Silva, Brandão e Oliveira (2018), o uso de estratégias de comunicação te-

rapêutica permite uma relação proximal que facilita a integração com equipes multiprofissionais e contribui para uma participação mais ativa na reabilitação psicossocial.

Por fim, Azevedo *et al.*, (2018) refere que a comunicação terapêutica desempenha um papel central no fortalecimento do relacionamento interpessoal, impactando diretamente na eficiência e na qualidade do cuidado prestado. Essa abordagem aumenta a sensibilidade para atender às necessidades do paciente, incentiva reflexões sobre comportamentos intensos e reduz a ansiedade dos profissionais em formação, promove atitudes mais empáticas e cuidadosas, além de fortalecer a confiança e a segurança do profissional.

Assim, a comunicação terapêutica apresenta benefícios amplos e interconectados, abrangendo desde o cuidado direto ao paciente até o aprimoramento profissional e pessoal dos envolvidos no processo terapêutico.

Desafios

Os desafios da comunicação terapêutica são identificados em 6 estudos, abrangendo barreiras culturais, emocionais, estruturais e profissionais. Um dos desafios centrais está na interpretação das palavras, que podem ser influenciados pela cultura, o contexto social e as experiências individuais. Em situações de barreiras linguísticas, a presença de um tradutor qualificado, é essencial para assegurar que a interação seja clara (BRASIL, 2022; VIDEBECK, 2012).

Kuse, Taschetto e Cembranel (2022), referem que profissionais que atuam na saúde mental enfrentam insegurança, impotência, angústia e apreensão, sentimentos agravados pelo desconhecimento das competências específicas necessárias para o atendimento, o que compromete a qualidade do cuidado.

No contexto do cuidado a pacientes com transtorno de personalidade borderline, Dall'Agnol *et al.*, (2019) destacam as dificuldades

nos vínculos terapêuticos devido à instabilidade emocional e comportamental, o que gera incertezas sobre como lidar com resistências, dúvidas e comportamentos desafiadores. Além disso, a falta de recursos humanos, apoio psicológico, treinamentos contínuos e espaços físicos adequados intensifica esses desafios.

Conforme o estudo de Silva, Brandão e Oliveira (2018) a formação insuficiente e a baixa capacitação dos profissionais de enfermagem também são obstáculos significativos, bem como as condições de trabalho desfavoráveis como sobrecarga, escassez de recursos e infraestrutura inadequada, que levam ao desgaste físico e emocional dos profissionais. Em alguns casos, práticas como a comunicação terapêutica e o Projeto Terapêutico Singular (PTS) são restritas a outros profissionais da equipe multiprofissional, limitando a participação ativa da enfermagem.

No âmbito da comunicação não verbal, Azevedo *et al.*, (2018) descrevem fatores como cheiros, sejam agradáveis ou desagradáveis, podem influenciar negativamente a interação. Maus odores, frequentemente associados à falta de autocuidado, impactam negativamente a autoestima e o vínculo terapêutico.

Outros desafios incluem limitações do emissor ou receptor na comunicação, como crenças, valores, atitudes culturais e diferenças de idioma. Ruídos ambientais e tensões emocionais, desviando a atenção e prejudicando a troca de informações. Ruídos externos como sons ambientais, e internos como desconfortos emocionais e psicológicos, representam barreiras significativas para a comunicação, especialmente quando intensificados (FUKUDA *et al.*, 2017).

Outro aspecto citado por Videbeck (2012) é que o enfermeiro precisa estar atento às suas próprias crenças e valores, evitando julgamentos sobre a perspectiva espiritual do paciente e mantendo o foco no objetivo terapêutico.

Dessa forma, os desafios da comunicação terapêutica englobam aspectos multidimensionais, exigindo abordagens integradas para superá-los e assegurar um cuidado eficaz e humanizado.

Encorajamento de Expressão

Essa estratégia visa criar espaços propícios para que os pacientes expressem seus sentimentos, pensamentos e experiências, promovendo maior compreensão, autonomia e fortalecimento do vínculo terapêutico (VIDEBECK, 2012; BRASIL, 2022; AZEVEDO *et al.*, 2018).

Fukuda, Stefanelli e Arantes (2017) ressaltam a importância de estimular a exteriorização de sentimentos subjacentes, enfatizando a necessidade de um profundo conhecimento sobre o paciente para interpretar sentimentos implícitos. Videbeck (2012) destaca a relevância de incentivar o paciente a avaliar suas experiências, promovendo reflexão crítica e autonomia. Já Brasil (2022) descreve técnicas como traduzir ideias ou pensamentos vagos em palavras, organizar narrativas em sequência lógica e solicitar esclarecimentos, reforçando a autonomia e o desenvolvimento do paciente.

No estudo por Silva, Lima e Saidel (2023) destacam o incentivo à exploração de comportamentos e sentimentos em contextos terapêuticos, apontando para a identificação de soluções individuais e uma abordagem que promove a exteriorização de experiências. Roscoche, Sousa e Aguiar (2019) relatam o uso de atividades artísticas, como pinturas e mandalas, que permitiram expressar percepções sobre suas condições, gerando discussões profundas e promovendo bem-estar, resiliência e esperança. De forma similar, Azevedo *et al.* (2018) descrevem uma dinâmica lúdica, com representação em desenhos, estimulando reflexões e fortalecendo vínculos.

Embora Silva, Brandão e Oliveira (2018) não mencionem diretamente o encorajamento à

expressão, os autores indicam que essa prática promove reflexões significativas e potencializam a interação terapêutica. Esses estudos, evidenciam sua relevância na comunicação terapêutica. A estratégia não apenas promove a compreensão e a autonomia do paciente, mas também fortalece o vínculo entre o profissional de saúde e o indivíduo.

Escuta Ativa

A estratégia da escuta ativa destaca a importância de promover um ambiente seguro e acolhedor, que favoreça a compreensão e o fortalecimento do vínculo terapêutico (DALL AGNOL *et al.*, 2019). Entre os estudos, Townsend e Morgan (2021) descrevem como uma prática que envolve estar atento e disposto a compreender o que o paciente comunica, seja de forma verbal ou não verbal e que incluem postura aberta, contato visual e demonstração de relaxamento, transmitindo respeito e aceitação. De forma similar, Roscoche, Sousa e Aguiar (2019) destacam a utilização de artes visuais como um canal que facilita a comunicação, promove empatia e compartilhamento de vivências.

Fukuda, Stefanelli e Arantes (2017) enfatizam a escuta reflexiva como essencial para identificar sentimentos, estimular a autoestima e ajudar o paciente a encontrar soluções para seus problemas. Azevedo *et al.* (2018) ressaltam a audição como o sentido mais valorizado no cuidado ao paciente.

Silva, Brandão e Oliveira (2018) mencionam a importância da escuta no contexto da comunicação terapêutica. Contudo, a abordagem apresentada pelos autores limita-se a uma citação superficial, sem um aprofundamento detalhado teórico ou prático sobre os processos que envolvem a efetivação dessa estratégia.

Kuse, Taschetto e Cembranel (2022) relatam a prioridade dada à escuta ativa em atendi-

mentos a pacientes agitados, com foco na comunicação não verbal e na entrevista motivacional centrada no paciente. Dall'Agnol *et al.* (2019) reforçam a importância do acolhimento atento, baseado em uma comunicação horizontal e no fortalecimento da confiança e do compartilhamento de saberes.

Os estudos analisados evidenciam que essa é uma estratégia essencial na comunicação terapêutica, sendo aplicada de diferentes formas, mas sempre com o objetivo de criar um ambiente de acolhimento, respeito e compreensão mútua.

Estimulação da Descrição das Percepções

Diferente da estratégia de encorajamento de expressão, que visa promover a verbalização de pensamentos e sentimentos em geral, o estímulo da descrição das percepções foca em direcionar o indivíduo a relatar detalhadamente suas experiências sensoriais e interpretações de realidade (FUKUDA *et al.*, 2017; BRASIL, 2022; TOWNSEND & MORGAN 2021).

Townsend e Morgan (2021) destacam essa técnica como um recurso para ajudar o paciente a descrever o que percebe, sendo particularmente útil em situações envolvendo alucinações. Videbeck (2012), por sua vez, reforça a importância de solicitar ao paciente que expresse suas percepções e ideias, encorajando-o a detalhar suas experiências. Essa prática permite que o enfermeiro compreenda o ponto de vista do cliente, aliviando e evitando a probabilidade de ações ou ideias perigosas.

Nos estudos de Roscoche, Sousa e Aguiar (2019) destacam a descrição de percepções por meio de atividades artísticas e reflexivas como a criação de caricaturas de si mesmos, pinturas em tela, uso de mandalas e modelagem em argila, que permitem a expressão de percepções relacionadas ao contexto do transtorno mental,

contribuindo para a conscientização e a redução de estigmas associados à saúde.

Silva, Brandão e Oliveira (2018) sugerem que o incentivo ao paciente para refletir sobre comportamentos seguros e planejar ações futuras está relacionado à estimulação da descrição de percepções. Por fim, Azevedo *et al.*, (2018) destacam uma atividade prática realizada criar desenhos e expressar o significado da comunicação naquele contexto. Essa estratégia permitiu que os participantes explorassem e compartilhassem suas percepções individuais, promovendo a compreensão dos sentimentos e experiências, além de fortalecer a importância da comunicação como ferramenta para fortalecer relações e humanizar o cuidado.

Encorajamento de Comparações

Diferente do encorajamento de expressão, que busca incentivar o paciente a verbalizar pensamentos e sentimentos, e do encorajamento da descrição de percepções, que foca na identificação e expressões sensoriais, o encorajamento de comparações envolve a análise de semelhanças e diferenças entre ideias, experiências ou relações (TOWNSEND & MORGAN, 2021; FUKUDA *et al.*, 2017; VIDEBECK, 2012).

É evidenciado pelos autores Townsend e Morgan (2021), Fukuda, Stefanelli e Arantes (2017) e Videbeck (2012), o papel do encorajamento de comparações como uma estratégia essencial para promover autoconhecimento e reflexão no paciente. Essa abordagem permite identificar padrões e transformações ao comparar ideias, experiências e relações, ampliando a compreensão do indivíduo sobre si mesmo e seu contexto.

Townsend e Morgan (2021) destacam que essa estratégia ajuda o paciente a organizar pensamentos e mudanças importantes. Fukuda, Stefanelli e Arantes (2017) acrescentam que essa prática favorece a compreensão das vivênci-

as e também possibilita ao enfermeiro identificar e potencializar os pontos fortes do paciente. Videbeck (2012) complementa ao afirmar que a comparação facilita a percepção de temas recorrentes, promovendo a reflexão.

Implicitamente, o estudo de Roscoche, Sousa e Aguiar (2019) traz essa estratégia por meio de disciplinas artísticas e reflexivas. As atividades descritas no estudo, como a elaboração de caricaturas sobre expectativas futuras e a pintura em tela, estimularam os participantes a refletirem sobre as transformações em suas vidas. Essas intervenções promoveram discussões sobre mudanças de papel, isolamento social, liberdade de si, medo e esperança.

Essas abordagens, reforçam o valor da comparação como estratégia terapêutica, permitindo ao paciente interpretar simbolismos, identificar seus próprios recursos e compreender a relevância de seu ponto de vista e de suas vivências.

Tentativa de Traduzir Sentimentos em Palavras

A estratégia de tentativa de traduzir sentimentos em palavras distingue-se das demais abordadas por focar especificamente na interpretação de sentimentos expressos de modo indireto pelo paciente. A tentativa de traduzir sentimentos em palavras, por sua vez, exige do profissional a habilidade de interpretar símbolos ou expressões implícitas, ajudando o paciente a compreender melhor suas emoções.

Townsend e Morgan (2021) destacam que o enfermeiro atua ao “dessimbolar” mensagens implícitas, identificando os sentimentos reais por trás das falas do paciente. Videbeck (2012) reforça essa abordagem, enfatizando que, ao interpretar declarações que parecem distantes ou incoerentes, o enfermeiro deve focar no que o paciente aparenta sentir, dando auxílio para verbalizar essas emoções de forma mais clara.

Já Roscoche, Sousa e Aguiar (2019) apresentam estratégias ao envolver atividades artísticas, que proporcionam um espaço para que sentimentos sejam explorados. Essas técnicas promovem bem-estar, resiliência e esperança, trabalhando o isolamento e a tristeza. Azevedo *et al.*, (2018) descrevem dinâmica lúdica em que há expressão por meio de desenhos e frases. Essa atividade destacou elementos sensoriais e afetivos, favorecendo a interpretação de sentimentos e a construção de vínculos no contexto do cuidado, além de facilitar o processo de autocompreensão por parte do paciente.

CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou compreender o contexto das estratégias de comunicação terapêutica. Entre os benefícios destaca a motivação para a autogestão de comorbidades, fortalecimento da autonomia, responsabilidade dos pacientes em relação ao tratamento, redução de sintomas e fortalecimento de vínculos terapêuticos.

Os principais problemas identificados são multifacetados, abrangendo barreiras culturais, emocionais, estruturais e profissionais. Esses fatores demandam estratégias integradas para superar obstáculos e garantir um cuidado humanizado e eficaz.

A extração de dados dos 10 estudos incluídos apontou diversas estratégias de comunicação terapêutica, entre essas, foi destacado a recorrência de algumas estratégias, que foram agrupadas em cinco categorias principais, devido a frequência de sua aparição, sendo: encorajamento de expressão, escuta ativa, estimulação da descrição das percepções, encorajamento de

comparações e tentativa de traduzir sentimentos em palavras.

Considerando o potencial terapêutico, o baixo custo e a possibilidade de desenvolvimento, ressalta a importância da comunicação terapêutica no contexto de saúde mental, de modo a promover vínculo, acolhimento, autoconhecimento e autonomia às pessoas em sofrimento psíquico. Tais evidências não aprofundou os impactos no processo terapêutico em estudos de grupo controle, considerando a melhoria do bem-estar psicológico, adesão ao tratamento, potencial reabilitação e redução de recaídas. Logo, sugere-se que sejam realizadas novas pesquisas para buscar compreensão quais estratégias de comunicação são as mais efetivas diante das barreiras identificadas.

As análises realizadas neste estudo restringem-se ao uso de três principais fontes de bases de dados: a BVS, SciELO e a literatura em formato de livros. É importante destacar que pode haver outras referências relevantes, não contempladas nesta pesquisa, que podem ter influência na conclusão apresentada.

Outra limitação encontrada é o número limitado de artigos identificados, o que pode não representar de maneira completa as práticas e atividades realizadas pelos profissionais nos serviços de saúde no Brasil.

A ausência de pesquisas com grupos controle limita os achados, pois não há objetivos que confirmem o impacto real de cada intervenção analisada. Por fim, as revisões narrativas e as pesquisas qualitativas e descritivas, que compõem os resultados deste trabalho, são mais suscetíveis a vieses e à influência dos valores pessoais dos pesquisadores envolvidos neste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO M.; SILVA, M. O Conhecimento De Estratégias De Comunicação No Atendimento à Dimensão Emocional Em Cuidados Paliativos. *Revista Texto e Contexto-Enfermagem*. v. 21. p. 121-129, 2012. DOI: 10.1590/S0104-07072012000100014.
- AZEVEDO A. *et al.* Sensopercepção De Graduandos de Enfermagem a Aprendizagem Da Comunicação Em Hospital Psiquiátrico. *Revista Brasileira de Enfermagem*. v. 71. n. 5. 2018. DOI: 10.1590/0034-7167-2017-0957.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Edição revista e atualizada. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2009. DOI: 10.14244/%2519827199291
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Municipal da Saúde. Coordenadoria de Redes Pré-Hospitalar e Hospitalar. Serviço de Atendimento Móvel de Urgência 192 – Regional Fortaleza. Urgências em saúde mental: cartilhas de atendimento do SAMUFor. Azevedo CRF, organizador. 2. edição. Revista e ampliada. Fortaleza: NEP SAMUFor; 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1379433>. Acesso em 10 nov. 2022.
- COELHO, M.; SIQUEIRA, C. Comunicação Terapêutica Em Enfermagem: Como A Caracterizam Os Enfermeiros. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*. 2014, n. 11, p.31-38. Disponível em: https://scielo.-pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602014000200005?script=sci_arttext&pid=S1647-21602014000200005. Acesso em: 10 out. 2022.
- CORIOLO-MARINUS M. *et al.* Comunicação Nas Práticas Em Saúde. *Revista Integrativa da Literatura. Saúde e Sociedade*. v.23, n.4., p. 1356-1369, 2014. DOI: 10.1590/S0104-12902014000400019.
- DALL AGNOL E. *et al.* Cuidados de Enfermagem às Pessoas com Transtorno de Personalidade Borderline na Perspectiva Freireana. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. v. 40. 2019. DOI: 10.1590/1983-1447.2019.20180084.
- FUKUDA I.; STEFANELLI, M.; ARANTES, E. *Enfermagem Psiquiátrica em Suas Dimensões Assistenciais*. 2ª edição. Barueri: Manole; 2017.
- GASPAR A. *et al.* As Estratégias de Enfermagem Adotadas para Ultrapassar as Barreiras Culturais e Linguísticas com Pessoas Culturalmente Diversas – Uma Scoping Review. *Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*. v. 8, n. 1, p. 215-222. Santarém. 2020. DOI: 10.25746/ruiips.v8.i1.19893
- KUSE, E; TASCHETTO, L.; CEMBRANEL, P. O Cuidado na Saúde Mental: Importância do Acolhimento na Unidade de Saúde. *Revista Espaço Para a Saúde*. v. 23. Santa Catarina, 2022. DOI: 10.22421/1517-7130/es.2022v23.e874.
- MIRANDA, C.; FREIRE, J.A Comunicação Terapêutica na Abordagem Centrada na Pessoa. *Revista de Arquivos Brasileiros de Psicologia*. v. 64, n. 1, p. 78-94. Rio de Janeiro. 2012.. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672012000100007. Acesso em: 28 ago. 2022.
- OLIVEIRA, N. BENETTI, S. Aliança Terapêutica: Estabelecimento, Manutenção e Rupturas da Relação. *Revista de Arquivos Brasileiros de Psicologia*. v. 67, n. 3, p. 125-38. Rio de Janeiro. 2015;
- PONTES, A; LEITÃO, I.; RAMOS, I. Comunicação Terapêutica em Enfermagem: Instrumento Essencial do Cuidado. *Revista Brasileira de Enfermagem*. v. 61, n.3. Brasília. 2008. DOI: 10.1590/S0034-71672008000300006.
- ROSCOCHE K.; SOUSA, A.; AGUIAR, A. Artes Visuais no Cuidado de Enfermagem Em Saúde Mental: Revisão Integrativa. *Archives of Health Sciences*. v. 26. n. 1. p. 55-61. 2019. DOI: 10.17696/2318-3691.26.1.2019.1271.
- SILVA, B., LIMA, M.; SAIDEL, M. Cuidados de Enfermagem Em Saúde Mental Às Pessoas Com Diabetes Mellitus: Revisão Integrativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. v. 31. 2023. DOI: 10.1590/1518-8345.6827.4075.
- SILVA, J.; BRANDÃO, T.; OLIVEIRA, K. Ações e Atividades Desenvolvidas Pela Enfermagem No Centro De Atenção Psicossocial: Revisão Integrativa. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde*. v. 7. n. 3. p. 137-149. 2018. DOI: 10.18554/reas.v7i2.3115.

SILVA, L.; SOUZA, V. Comunicação Terapêutica: Desafios Para O Diálogo Em Uma Organização Hospitalar Brasileira. Revista Eletrônica e Comunicação, Informação e Inovação em Saúde. v. 12. n. 2. p.134-47. 2018. DOI: 10.29397/reciis.v12i2.1372.

SOUZA, M.T; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein. v.8. n.1. p. 102-6. São Paulo. 2010. DOI: 10.1590/S1679-45082010RW1134.

STEFANELLI, M.; FUKUDA, I.; ARANTES, E. Comunicação Em Enfermagem. In: FUKUDA, I.; STEFANELLI, M.; ARANTES, E. Enfermagem Psiquiátrica Em Suas Dimensões Assistenciais. 1ª edição. Barueri: Manole. p.299-316, 2008.

TOWNSEND, M.; MORGAN, K. Comunicação Terapêutica. In: TOWNSEND, M; MORGAN, K., editores. Enfermagem psiquiátrica: conceitos de cuidados na prática baseada em evidências. 9ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p.147-163, 2021

VIDEBECK, S. Comunicação terapêutica. In: Videbeck SL, editor. Enfermagem Em Saúde Mental E Psiquiatria. 5ª edição. Porto Alegre: Artmed; p.112-131, 2012.